

Planalto torce pela vitória de ACM no Senado, mas não quer magoar o PMDB

Apesar do esforço de Sérgio Motta para PSDB fechar questão, FH não se mete

*2 FEVEREIRO DE 1997

Lydia Medeiros

BRASÍLIA. O Senado viverá terça-feira um momento raro em sua história. Dois candidatos vão disputar a presidência da Casa, o que não ocorria há mais de dez anos. O pefelistas Antônio Carlos Magalhães (BA) enfrenta o pemedebista Íris Rezende (GO). Os dois são ex-governadores e ex-ministros. A sessão será presidida pelo ex-presidente da República José Sarney, ex-chefe de ambos.

A busca dos votos — o vencedor tem que ter maioria absoluta de 41 votos — não está sendo tarefa fácil. Exigiu horas de conversa, compromissos nem sempre divertidos e fins de semana em Brasília. Tudo para conquistar o quarto cargo da República e o comando do Poder Legislativo.

O Governo tentou manter uma aparente eqüidistância da briga, mas a preferência por Antônio Carlos é evidente. Além da prioridade que o PFL, partido fiel ao

Governo, dá à eleição do senador, foi seu filho, o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), que, na presidência da Câmara, teve atuação decisiva na aprovação dos projetos de interesse do Governo, inclusive a emenda da reeleição. Para deixar claro que a vez era de Antônio Carlos, Luís Eduardo chegou a recusar um cargo no primeiro escalão.

A interferência do Governo chegou ao auge quando o ministro das Comunicações, Sérgio

Motta, tentou forçar o PSDB a tomar uma posição pró-Antônio Carlos. A reação do PMDB foi imediata. Íris foi ao presidente juntamente com o líder, Jader Barbalho (PA), e pediu neutralidade. O presidente tem tentado ficar longe e o candidato diz estar satisfeito com esse comportamento.

— Não posso me queixar da isenção que o presidente tem mantido durante a campanha. Se eu vier a ser derrotado, não posso reclamar disso — diz Íris. ■